

Da sala de aula ao trabalho: as exigências linguísticas das empresas petrolíferas do Norte Fluminense

Edméa Dias
Roberta Alvarenga

Resumo

O presente artigo está inserido na área de Planejamento e Desenvolvimento Regional e pretende analisar, em linhas gerais, as exigências linguísticas do mercado de trabalho da indústria petrolífera da Região Norte Fluminense. Na relação escola-empresa, busca-se analisar se as escolas preparam seus alunos para se comunicarem no campo profissional. Com a modernização nas empresas, surge um novo perfil laboral, que valoriza o trabalhador não apenas sob a ótica da tecnologia, mas também quanto à sua competência linguística. Assim, respaldado por conceitos sobre língua e linguagem, à luz de abordagens teóricas essenciais, fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN), este texto propõe destacar a comunicação em língua portuguesa e inglesa como um componente essencial do novo perfil de trabalhador exigido pelas empresas do Norte Fluminense e o papel da escola nesse contexto.

Palavras-chave: mercado petrolífero, competências linguísticas, perfil laboral

Abstract

This Article is inserted in the area of Planning and Regional Development and will analyze, in general, the language requirements of the labor market in the oil industry in the Northern Region of Rio de Janeiro state. In the connection between company and school, we aim to examine whether the schools prepare their students to communicate in the professional field. As companies have been modernized, it is required a new labor profile, which values the worker not only from the perspective of technology, but also for their language skills. Thus, supported by concepts of language and oriented on essential theoretical approaches, based on the Law of Directives and Bases of National Education and the National Curriculum Parameters for Secondary Education, this paper proposes to emphasize communication in Portuguese and English as an essential component of the new worker profile required by the Northern Region of Rio de Janeiro companies and the role of schools in this context.

Keywords: oil market, language skills, employment profile

INTRODUÇÃO

Vivemos um momento único na história humana em que mudanças ocorrem rapidamente e exigem um profissional que tenha conhecimentos mais abrangentes e que esteja em constante processo de qualificação. É importante a implementação de políticas públicas que possam garantir a formação de mão de obra qualificada que atenda à demanda local e às exigências do mundo globalizado, onde o domínio

da língua é relevante. Com a modernização nas empresas, surge um novo perfil laboral, que valoriza o trabalhador não apenas sob a ótica da tecnologia, mas também quanto à sua competência linguística.

Considerando as dificuldades enfrentadas pelos profissionais que pretendem se inserir e se manter no mercado de trabalho, a pesquisa na qual este artigo está baseado verifica a influência do conhecimento das Línguas Portuguesa e Inglesa na empregabilidade em empresas do setor petrolífero da região Norte Fluminense.¹

Assim sendo, a análise tem como pontos de partida aspectos gerais acerca de linguagem, de comunicação e do mercado petrolífero, a fim de relacioná-los e inaugurar esta discussão, apresentando tendências da realidade regional e refletindo sobre a mudança do perfil de trabalhador exigido nesse mercado. Na relação escola-empresa, busca-se analisar se as escolas preparam seus alunos para se comunicarem no campo profissional.

Desta forma, o artigo é direcionado à educação básica, na busca por um entrelaçamento entre trabalho e sala de aula. Respalado por conceitos sobre língua e linguagem, à luz de abordagens teóricas essenciais, fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, este texto propõe destacar a comunicação em língua portuguesa e inglesa como um componente essencial do novo perfil de trabalhador exigido pelas empresas do setor petrolífero localizado no Norte Fluminense e o papel da escola nesse contexto.

O artigo está dividido em cinco seções além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, fazem-se algumas reflexões sobre a educação básica e examina-se a sua situação na região, foco deste artigo. Nas três seções seguintes, apresenta-se a demanda regional por qualificação no que tange aos idiomas português e inglês. Na quinta seção, discute-se a situação real do ensino na região frente às recomendações da legislação pertinente.

REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Apesar de um quadro negativo na educação brasileira, conforme instrumentos de avaliação como Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA)² e Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB)³, no que diz respeito à leitura, produção de texto e reflexão sobre a língua, o ensino linguístico deve cada vez mais investir no desenvolvimento da capacidade leitora.

A partir de seus eixos centrais, a Educação Básica direciona-se teoricamente para uma formação completa e eficaz. Na prática, ainda há muito que ajustar, em termos curriculares, didáticos, estruturais, entre outros.

Na LDB, dentre suas atribuições, destaca-se o item que diz que “a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (Brasil, 1996).

Quanto ao currículo do ensino médio, o Art.36 da LDB/96, em relação à educação tecnológica básica, destaca “a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura”. Valoriza-se, então, a língua portuguesa “como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania”. Ainda nesse Artigo, a língua estrangeira moderna é incluída como disciplina obrigatória (Brasil, 1996).

Assim sendo, percebe-se um entrelaçamento de conhecimentos sob a ótica cultural, social e profissional. Educar ganha a amplitude do mundo exterior à escola. Trabalho, ocupações posteriores, é considerado importante item e, para tanto, a boa e eficaz comunicação e o domínio da linguagem fazem-se necessários.

1 Este texto tem por base a pesquisa da dissertação de cada uma das autoras, desenvolvida no Mestrado Profissional em Planejamento Regional e Gestão de Cidades da Universidade Cândido Mendes – Campos dos Goytacazes, sob a orientação da professora Dra. Rosélia Piquet.

2 O PISA é um programa de avaliação internacional padronizada, desenvolvido conjuntamente pelos países participantes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), aplicada a alunos de 15 anos. Além dos países da OCDE, alguns outros são convidados a participar da avaliação, como é o caso do Brasil.

3 Avaliação Nacional da Educação Básica que abrange, de maneira amostral, alunos das redes públicas e privadas do país, em áreas urbanas e rurais, matriculados na 4ª série/5º ano e 8ª série/9º ano do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio.

Teoricamente, não há dúvidas quanto ao fato de que a educação básica, mais especificamente o ensino médio, contempla uma sólida formação em todos os níveis e aspectos. No entanto, a prática escolar e cotidiana em nossas escolas tem mostrado déficits acentuados e, assim, revelado que o processo de formação fica comprometido.

Nas escolas públicas, em geral, tal dificuldade é ainda mais gritante. O que se observa é, no caso dos estudos linguísticos, uma rotina muitas vezes discrepante com o que prega a lei. Salas de aula sem estrutura e questões curriculares são alguns dos fatores de interferência na qualidade da educação básica. Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa ou Inglesa, percebe-se uma mecanização do currículo, que se detém a aspectos distantes da utilidade prática da linguagem. Excesso de atenção à gramática sistematizada em detrimento de aspectos textuais e linguísticos mais significativos acaba (des)preparando o aluno para o mercado de trabalho.

A eficácia discursiva envolve muitos outros pontos, dentre os quais: o léxico, os recursos vários de textualização na composição dos textos e o reconhecimento da situação de interação, que inclui normas sociais de atuação (Antunes, 2009). Reconhecer essa totalidade da língua faz com que o estudo nessa área ganhe nova dimensão e, conseqüentemente, a realidade comunicacional e linguística no cotidiano empresarial se fortaleça.

Em publicação do MEC, foram disponibilizados os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2013, apresentados no quadro que se segue. Verifica-se que no ensino médio, dezesseis Estados pioraram a nota, apenas nove melhoraram e dois registraram o mesmo índice.

Tabela 1: Comparativa do Ideb 2011–2013 no Ensino Médio Estadual por Unidade Federativa

| UF | Ideb 2013 | Ideb 2011 |
|----|-----------|-----------|
| GO | 3,8 | 3,6 |
| SP | 3,7 | 3,9 |
| RS | 3,7 | 3,4 |
| SC | 3,6 | 4 |
| MG | 3,6 | 3,7 |
| RJ | 3,6 | 3,2 |
| PE | 3,6 | 3,1 |
| PR | 3,4 | 3,7 |
| MS | 3,4 | 3,5 |
| RO | 3,4 | 3,3 |
| ES | 3,4 | 3,3 |
| CE | 3,3 | 3,4 |
| AC | 3,3 | 3,3 |
| DF | 3,3 | 3,1 |
| RR | 3,2 | 3,5 |
| TO | 3,2 | 3,5 |
| AM | 3 | 3,4 |
| PI | 3 | 2,9 |
| PB | 3 | 2,9 |
| AP | 2,9 | 3 |
| MA | 2,8 | 3 |
| BA | 2,8 | 3 |
| SE | 2,8 | 2,9 |
| MT | 2,7 | 3,1 |
| PA | 2,7 | 2,8 |
| RN | 2,7 | 2,8 |
| AL | 2,6 | 2,6 |

Fonte: Dados do IDEB. Disponível em <http://ideb.inep.gov.br>. Acesso em setembro de 2014

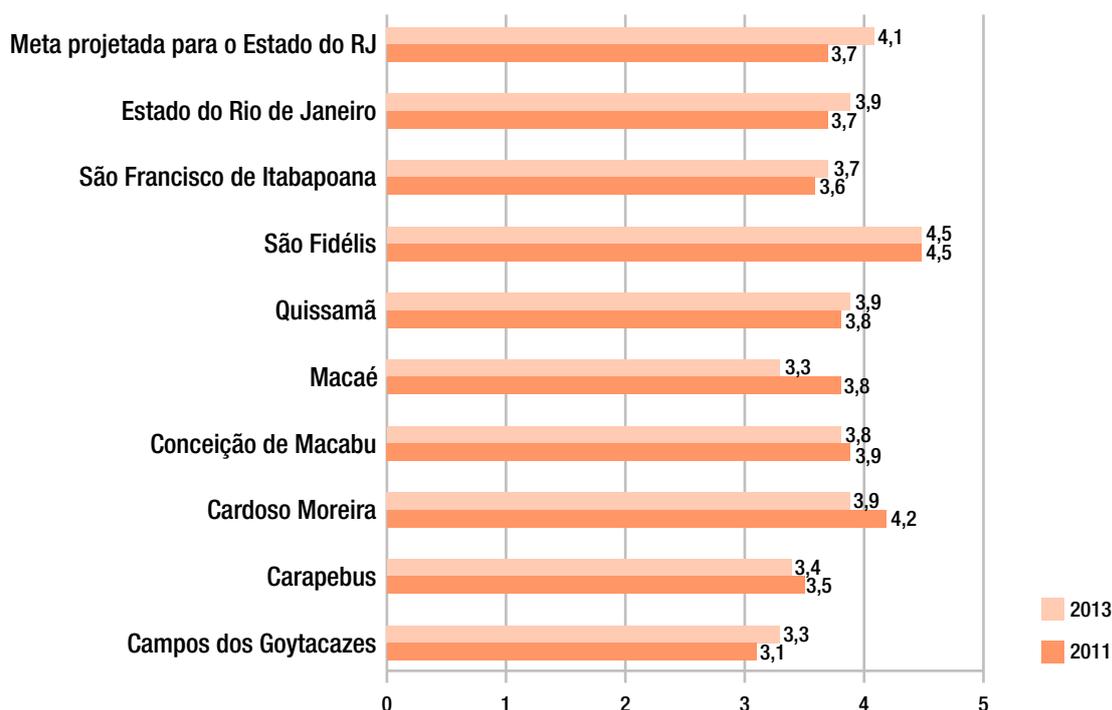
Ciente desse quadro negativo e para que o país atinja o nível de qualidade desejável à educação brasileira, o MEC organiza-se e traça metas de qualidade educacional, tendo como objetivo alcançar nota 6.0 em 2022, média de um sistema educacional de patamares comparável ao de países desenvolvidos. O IDEB foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2007 e representa a iniciativa para conduzir políticas públicas em prol da educação. O IDEB leva em conta as redes públicas e privadas e mede a qualidade por escolas, municípios e unidades da Federação. O índice é obtido, a cada dois anos, pelas médias de desempenho nas avaliações do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e da Prova Brasil⁴, e também pelos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar⁵. Segundo o MEC, com o IDEB, ampliam-se também as possibilidades de mobilização da sociedade em favor da educação.

Segundo informações fornecidas pelo INEP, o IDEB de 2013 mostra que o país ultrapassou as metas previstas para os anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental em 0,3 pontos. O IDEB nacional nessa etapa ficou em 5,2, enquanto em 2011 havia sido de 5,0.

Quanto ao ensino médio, o índice nacional se manteve em 3,7, ficando 0,2 pontos abaixo da meta prevista para 2013. A rede estadual – responsável por 97% das matrículas da rede pública – registrou o mesmo índice de 2011 (3,4), assim como a rede federal (5,6). A rede privada apresentou queda, passando de 5,7 para 5,4.

Os dados do IDEB referentes à região Norte Fluminense são preocupantes, pois revelam médias baixas, conforme Gráfico 1 apresentado a seguir.

Gráfico 1: Comparativo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos Municípios da Região Norte Fluminense – Anos Finais do Ensino Fundamental da Rede Pública – 2011/2013.



Fonte: Dados do IDEB. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br>. Acesso em: setembro/2014.

4 Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (também denominada “Prova Brasil”) que trata-se de uma avaliação censitária envolvendo os alunos da 4ª série/5ºano e 8ªsérie/9ºano do Ensino Fundamental das escolas públicas das redes municipais, estaduais e federal.

5 O Censo Escolar é um levantamento de dados estatístico-educacionais de âmbito nacional realizado todos os anos e coordenado pelo Inep que coleta dados sobre estabelecimentos, matrículas, funções docentes, movimento e rendimento escolar.

Os municípios da Região Norte Fluminense, destaque nacional pelo volume de arrecadação de *royalties* através da presença do Complexo Petrolífero, apresentam contraditoriamente um *déficit* na Educação. As cidades de Campos dos Goytacazes e Macaé, as duas maiores beneficiárias dessas receitas, apresentaram dentre os municípios da região, os mais baixos índices do IDEB 2013, ou seja, obtiveram nota 3,3 nos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública.

Dentro desse quadro, que já havia sido identificado no IDEB 2011, pouco se avançou na educação, confirmando que os investimentos dos *royalties* em Educação na região estão muito abaixo do que deveriam ser. É evidente a existência de problemas na formação de mão de obra qualificada que ultrapassam os limites da região, uma vez que se trata de um problema nacional.

O COMPLEXO PETROLÍFERO E O PAPEL DA LINGUAGEM NO MEIO EMPRESARIAL

A economia fluminense é hoje dependente do setor de petróleo e gás que tem seu segmento concentrado no Norte Fluminense. As corporações que operam a exploração e produção do petróleo necessitam de tecnologia de ponta e atuam em escala global. Piquet (2007) explica que, nesse contexto tecnologicamente complexo, também são criadas oportunidades para pequenas e médias empresas locais que de alguma forma podem atender à indústria petrolífera com serviços e equipamentos de baixo conteúdo tecnológico. O local encontra-se inter-relacionado com redes globais e são atraídas diversas empresas que têm gerado um número enorme de empregos diretos e indiretos.

A comunicação nas empresas faz-se essencial em todos os níveis. Mesmo nas empresas mais intensivas em tecnologia, a postura comunicativa faz toda a diferença no dia a dia organizacional. O valor humano só se concretizará a partir de uma comunicação eficaz. Caso contrário, existirá um conjunto de seres que, sem a devida interação, não cumprirá seu papel social e profissional integralmente.

Dessa forma, a linguagem verbal assume seu papel de elemento básico nesse processo comunicativo. O domínio linguístico, seja na língua portuguesa e/ ou na língua inglesa, a depender da exigência ou da prioridade da empresa, é primordial para que se interaja e se organize um ambiente de entendimento recíproco e de produtividade.

Analisar os fenômenos comunicativos não é algo apenas para especialistas. Cabe aos envolvidos nessa dinâmica diária a reflexão sobre o assunto. Nos mais diversos cargos, da direção ao setor de limpeza, o saber expressar-se e o saber interpretar são fundamentais. A comunicação permite resolver conflitos com mais facilidade, intermediar debates de ideias, argumentar e, entre outras funções, elaborar pensamentos e propostas com clareza.

As escolas deveriam funcionar como espaço de “treinamento” comunicativo. Afinal, nas instituições de ensino, se realizam muitas das situações precursoras das que serão vivenciadas no meio profissional. Segundo Cruz (2012), há o aspecto positivo do fortalecimento das unidades de formação e qualificação da força de trabalho através das instituições de ensino superior e técnico da rede pública e privada da região. Essa rede é de extrema importância para a especialização da mão de obra regional possibilitando a inserção de trabalhadores no Complexo Petrolífero.

No entanto, a realidade nas empresas inclui, muitas vezes, baixa escolaridade e dificuldades com leitura e escrita, dificultando a comunicação e a elaboração de textos, por exemplo. Percebe-se, então, a necessidade de uma formação básica aperfeiçoada para uma inserção eficaz no mundo do trabalho. Trata-se, portanto, de investir-se em políticas linguísticas e educacionais que valorizem os que estão em processo de aprendizado.

Não se pretende, no entanto, uma educação básica meramente formadora de mão de obra, mas que, paralelamente ao investimento numa educação plena, reflexiva, crítica e eficiente, se atente à mudança no perfil laboral, em níveis nacional e regional. A linguagem tem seu valor prático reconhecido e seu bom uso faz diferença na evolução profissional. Nesse processo, são incluídas a língua materna e a língua inglesa, solicitadas como requisito para admissão e crescimento profissional nas empresas.

Essa interação entre o mundo do trabalho e a formação básica caracteriza-se como um ajuste necessário para o desenvolvimento empresarial e regional. Conforme previsto na Lei 9394/96, que propõe as diretrizes e bases da educação nacional, trata-se de condição para a aplicabilidade e eficácia da educação. Nesse contexto, o Ensino Médio deve estar vinculado à prática social e à profissional.

Segundo Piquet e Terra (2011), a falta de qualificação de mão de obra lidera a lista de reclamações da indústria petrolífera e já é apontada como principal gargalo a ser vencido para atender às demandas da economia. Quanto a isso, afirmam:

O mais grave é que não se trata apenas de uma carência de preparo técnico ou especializado, esta talvez mais fácil de enfrentamento. O mais alarmante é que somente 25% dos brasileiros dominam a escrita, a leitura e a matemática para se expressarem e entenderem o que está à sua volta nos contextos econômico e tecnológico atuais, conforme indica pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro sobre “Indicador de Analfabetismo Funcional”, em 2009 (PIQUET E TERRA, 2011, p.36).

Esse estudo aponta, ainda, que não se trata de um problema conjuntural, de fácil superação e curta duração, mas um entrave ao desenvolvimento, culminando, possivelmente, na importação de mão de obra qualificada. As falhas de nosso sistema educacional fazem com que haja uma parcela da população brasileira em desalinho com o mundo do trabalho. Essa limitação dificulta, inclusive, o acesso a cursos de qualificação, devido à ausência de uma mínima formação básica.

PROVÁVEIS DEMANDAS E DESAFIOS DO MERCADO DE TRABALHO REGIONAL

Enquanto a demanda de energia aumenta, as principais operadoras globais de petróleo e gás estão buscando meios inovadores para ajudar a aumentar a recuperação dos campos produtores e expandir as possibilidades de produção. A necessidade das mais recentes e avançadas tecnologias para cumprir metas de produção, abrem mais oportunidades aos novos talentos para compor essas equipes.

A região Norte Fluminense é destaque na exploração de petróleo e gás natural, sendo, inclusive, responsável por grande parte da produção nacional. Essa atividade petrolífera regional é uma forte empregadora de profissionais ligados ao setor, impondo demandas e desafios ao mercado de trabalho local. Propõe-se, então, um levantamento empírico com empresas desse ramo em nossa região, para que se verifique a interferência do aspecto comunicativo em seu desenvolvimento.

Inúmeras são as publicações sobre as possibilidades das situações comunicativas. Na relação entre uso e norma, discutem-se conceitos de adequação e inadequação linguística. É relevante analisar tais conceitos e perceber que o uso da língua depende essencialmente do contexto de comunicação. Para tanto, reflete-se sobre a importância de se expressar adequadamente no ambiente de trabalho, efetivando e aplicando as normas gramaticais na construção da linguagem.

Em Neves (2012), destacam-se algumas lições básicas de uma gramática de direção funcionalista: a linguagem não é um fenômeno isolado, serve a uma variedade de propósitos; a língua (e sua gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo imune à influência de fatores externos de ativação; as formas e os processos da língua (a gramática) são meios para um fim, não um fim em si mesmo. No discurso, independente do contexto, a gramática pode estar a serviço do enunciador para que este elabore sua prática discursiva, mas, jamais, como um engessamento que impede ou regula excessivamente a comunicação.

A grande questão é aliar os estudos da língua presentes na sala de aula, que ainda se mantêm distantes da realidade, à sua utilidade prática, especialmente à sua relevância no mundo do trabalho regional. Estreitar os laços entre escola e trabalho, eis o desafio. Pouco a pouco esse interesse ganha forma, mas há muito o que fazer. Promover a funcionalidade do estudo das línguas portuguesa e inglesa, das leituras várias e das produções textuais em vários âmbitos, requer, antes de tudo, uma consciência da necessidade do bom uso da língua na inserção e na atuação no mercado de trabalho, entre outros contextos.

Mais do que um mero estudo sobre uma gramática básica exigida por empresas da região, pretende-se uma associação de conhecimentos linguísticos essenciais ao desenvolvimento do trabalho em empresas, que se estende, portanto, ao desenvolvimento de toda a região.

A partir de entrevistas semiestruturadas que foram realizadas durante a Feira *Mostre-se*, em sua quinta edição/2014, no Instituto Federal Fluminense (IFFluminense) no campus Campos Centro, ratifica-se tal realidade quanto à demanda linguística nas empresas petrolíferas regionais.

A Feira *Mostre-se* é parte integrante da Mostra Tecnológica para Estágio e Emprego de Campos dos Goytacazes. Sua realização intenciona trazer um momento para a interação entre o mundo do trabalho, estudantes, profissionais e a comunidade em geral. Nesta edição de 2014, estiveram presentes grandes nomes do ramo empresarial, entidades governamentais e sociais, oferecendo oportunidades de informação sobre sua atuação nos arranjos produtivos locais e regionais e, ao mesmo tempo, promovendo um diálogo com a comunidade escolar do IFFluminense e de outras instituições de ensino.

Representantes das empresas petrolíferas, a maioria com sede em Macaé – RJ, como da Fototerra, Sparrows, Halliburton, NOV, Schlumberger, OneSubsea, FMC Technologies, Oceaneering, Lupatech, Technip e Odebrecht Oil & Gas, foram indagados acerca do processo seletivo de cada empresa e da importância atribuída à linguagem, no momento do acesso, em etapas posteriores e na prática cotidiana da empresa. Além disso, buscou-se entrelaçar escola e mercado de trabalho, com busca de sugestões para que a sala de aula contribua, cada vez mais, com esse novo perfil profissional exigido pelas empresas.

As respostas foram, em geral, positivas e veementes no que diz respeito às exigências linguísticas e ao valor que lhes é dado na seleção de profissionais e atuação na empresa.

Houve alguma variação quanto ao nível exigido do Inglês e do Português, de acordo com a nacionalidade da empresa e a função do colaborador. Mas, de alguma forma, direta ou indiretamente, em algum momento, o domínio dessas línguas foi citado como relevante. As empresas de capital nacional consideram o domínio da língua inglesa como diferencial e não essencial no currículo. Já as empresas multinacionais, principalmente as de nacionalidade americana, submetem os candidatos a um nivelamento quanto ao conhecimento na língua inglesa. Dependendo do cargo a ser ocupado, o teste de proficiência na língua inglesa é parte eliminatória do processo de admissão na empresa, não evoluindo para a etapa seguinte em que os conhecimentos técnicos são avaliados.

Foram relatados, inclusive, investimentos em cursos de Inglês, por meio de bolsas ou programas específicos, paralelamente ao investimento em treinamentos técnicos. Mais de uma empresa líder no mercado tem intensificado a contratação de estagiários e trainees, investido em programas cujo objetivo é recrutar, treinar e reter recém-formados com potencial de desenvolvimento dentro da empresa.

Outro destaque para o que foi comentado durante as entrevistas é que o perfil exigido se modificou e, hoje, a postura comportamental (que inclui a linguagem e a boa comunicação) é tão valorizada quanto o conhecimento da técnica especializada. Este, segundo os recrutadores e profissionais de Recursos Humanos entrevistados, é mais fácil se desenvolver após a contratação, com cursos e treinamentos já previstos no meio técnico. O aspecto comportamental é mais complexo e fruto de um processo mais longo, pois para esse novo mundo do trabalho não basta ser adestrado, é preciso ser educado e bem educado.

Há, pelas empresas analisadas, uma expectativa de que a escola aprimore seu trabalho com as línguas, envolvendo mais leitura, interpretação, escrita, produção de textos típicos do meio empresarial, tais como e-mails e relatórios e o desenvolvimento da expressão oral nas línguas portuguesa e inglesa.

QUALIFICAÇÃO E COMPETÊNCIA: MUDANÇAS NO PERFIL LABORAL

As competências linguísticas exigidas, cada vez mais, pelo mercado de trabalho petrolífero, entre outros, denunciam uma mudança no perfil de trabalhador a que se aspira. Ser qualificado, hoje, mais que nunca, ultrapassa a formação técnica. Há de ser analisado esse novo perfil, pois ele conduzirá gradativamente à busca por uma qualificação diferenciada.

Muitas empresas do ramo, conforme verificado num primeiro momento de sondagem e pesquisa já apontado neste artigo, selecionam de acordo com esse perfil e valorizam uma fluência na comunicação oral ou escrita.

Faz-se evidente que a contratação de funcionários e sua posterior permanência na empresa, bem como seu crescimento profissional são indissociáveis de um perfil mais apurado e mais completo que o exigido há alguns anos. As empresas buscam quem seja capaz de dar respostas e não apenas ostente um diploma ou conhecimento técnico (Pastore, 2013). Nos processos de recrutamento avalia-se a capacidade de pensar criticamente para resolver problemas e tomar decisões, espera-se que o futuro

profissional saiba usar o bom senso, que tenha raciocínio, que seja capaz de escrever e entender o que ouve e lê, que saiba trabalhar em equipe, que domine a língua inglesa e a linguagem da informática.

As empresas de petróleo e gás da região Norte Fluminense estão em busca de profissionais que acompanhem o ritmo de crescimento do setor, com a descoberta e a exploração das reservas na camada do pré-sal. Há, segundo alguns analistas de recursos humanos, a possibilidade de aquecimento do mercado de trabalho com previsão de intensificação com novas rodadas de contratos abertos pela Agência Nacional de Petróleo e Gás e Biocombustíveis – ANP.

Em conformidade com o site da Petrobras, o desenvolvimento da indústria e a oportunidade de empregos estão em evidência. O volume de negócios gerado pelo pré-sal impulsiona o desenvolvimento de toda a cadeia de bens e serviços, trazendo, segundo a empresa, tecnologia, capacitação profissional e grandes oportunidades para a indústria. Investimentos na geração de tecnologia e nos centro de pesquisa atendem a essa nova realidade. Há um compromisso de se aproveitar ao máximo a capacidade competitiva da indústria nacional de bens e serviços.

Em relação à demanda por mão de obra, promovem-se, ainda conforme a Petrobras, iniciativas como o Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Prominp), que já qualificou mais de 88 mil profissionais. A expectativa é que mais de 200 mil profissionais sejam capacitados com o programa, em 185 categorias nos níveis médio, técnico e superior.

Em consonância com todo o mercado de trabalho que exige um perfil mais integral de seus colaboradores, o setor petrolífero anseia por esse profissional, dinâmico e capacitado, ao mesmo tempo em que capacita essas pessoas que circulam em seu contexto. A cada dia, aumenta a importância dos fatores atitudinais para a conquista e a preservação do emprego assim como para a ascensão na carreira. São inúmeros os casos em que as vagas não são preenchidas com mão de obra local por falta de capacitação.

Quando se reflete acerca de um profissional mais completo, incluem-se nesse projeto as exigências linguísticas desse mercado de trabalho. Nos mais diversos níveis e setores, há uma demanda, também, por um funcionário que se comunique melhor e de modo mais eficaz, não só na língua materna, mas na língua inglesa. Esse canal é tão primordial nos contatos pessoais e setoriais (orais e escritos), como entre empresas afins. Percebe-se que características desse novo perfil laboral possuem sintonia com os objetivos e orientações citadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) e nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEN).

Tendo em vista um conjunto de iniciativas de políticas públicas no contexto ensino-aprendizagem, tais como a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, que incluiu o Ensino Médio na Educação Básica, a publicação, em 2000, dos PCNEM e as OCEN em 2006, vale destacar parte das competências linguísticas apontadas por esses documentos.

Ainda conforme as colocações das OCEN são recomendadas à disciplina de Língua Portuguesa a promoção de oportunidades para que o aluno conviva com situações de produção e leitura de textos, atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem. Essa recomendação se desdobra em objetivos específicos, que, por sua vez, direcionam a organização das atividades de Língua Portuguesa no Ensino Médio em torno de eixos, distribuídos entre “práticas de linguagem” e “análise dos fatores de variabilidade das (e nas) práticas de língua (gem)”.

As OCEN para línguas estrangeiras ressaltam a sua importância, reafirmando a relevância da noção de cidadania, destacando o sentimento de inclusão possibilitado pelo conhecimento da língua inglesa. Apresenta sugestões sobre a prática do ensino de línguas focando a leitura, a prática escrita e a comunicação oral contextualizada (Brasil, 2006).

A LDB/96, dentre suas atribuições, destaca a importância e o papel do Ensino Médio, vinculado à formação profissional. Preparar o aluno integralmente para esse mundo do trabalho significa estar de acordo com a lei e concretizar uma educação de qualidade e com uma aplicabilidade bem definida. Destaca-se o Art. 2º da LDB, que estabelece que a educação, como dever da família e do Estado, “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996).

Esse vínculo entre escola e trabalho passa por questões como gratuidade do ensino, valorização do profissional da educação e garantia da qualidade de ensino. No presente estudo, pretende-se ater às competências linguísticas nesse universo de formação, mais especificamente do Ensino Médio Profissionalizante, também contemplado na LDB. Sobre esse tipo de formação, a LDB/96

considera em seu Art. 39 que “A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva” (Brasil, 1996).

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: APLICABILIDADE DA LINGUAGEM DENTRO E FORA DA SALA DE AULA

Se nas escolas, lugar em que a linguagem deveria ser extremamente trabalhada e valorizada, ainda se reconhece uma real defasagem, fora desse contexto são encontrados os reflexos dessa situação. Em sala de aula, muitos são os caminhos para se utilizar a linguagem, extrapolando as aulas de Língua. Em qualquer disciplina, a compreensão e expressão verbal podem e devem ser observadas.

Por meio de diferentes gêneros textuais, as possibilidades de análise e produção surgem e, visando, entre outros objetivos, à inserção no mundo do trabalho, tal estudo ganha ainda mais sentido.

Fora do contexto escolar, inúmeras são as oportunidades de se comunicar com eficácia, o que significa elaborar bem a sua expressão, oralmente ou por escrito. Nas empresas, esse fato torna-se um diferencial, que pode facilitar ou prejudicar o andamento profissional, pessoal ou coletivo.

Passando por diversos gêneros textuais, de simples e-mails a relatórios mais elaborados, de um mero telefonema a um debate mais formal, o domínio linguístico representa uma necessidade para os mais diversos cargos e setores empresariais.

A sala de aula deveria tornar-se, assim, o lugar onde se desenvolve de modo eficaz o ensino das Línguas Portuguesa e Inglesa e, mais que isso, onde são valorizadas as competências linguísticas por meio de atividades diversas.

Tendo em vista a realidade da educação, nacional e regional, percebe-se que o ensino linguístico, envolvendo tanto a língua materna quanto a estrangeira, ainda carece de um impulso e de uma atenção maior. Ainda é superficial o estudo da linguagem, em seu sentido mais amplo. As aulas de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa resumem-se, muitas vezes, a um mero encadeamento gramatical, ignorando a complexidade da língua e as possibilidades de um bom uso do idioma. A aplicabilidade de uma expressão linguística adequada tem, aqui, ênfase no mercado de trabalho. Saber se comunicar é essencial para o sucesso profissional.

Nas aulas da Língua materna, por exemplo, o processo de aprimoramento da leitura tem particular relevância. Desenvolver o senso crítico e a capacidade de depreender significados e, ao mesmo tempo, produzi-los, deve(ria) ser um dos propósitos centrais do estudo da Língua.

Já nas aulas de Língua Inglesa, é necessário considerar uma aprendizagem significativa, pensando não unicamente nas habilidades linguísticas, mas também em competências a serem dominadas. Sendo assim, a competência comunicativa no idioma só poderá ser alcançada se forem desenvolvidas em consonância com outras competências que levem a utilização da língua adquirida em um contexto adequado.

Conforme postula Paulo Freire (apud KOCK, 2002), o aluno necessita ser preparado para tornar-se o sujeito do ato de ler. A autora ratifica, ainda, a necessidade de o aluno se tornar apto a apreender a significação profunda dos textos com que se defronta, capacitando-se a reconstruí-los e a reinventá-los. Assim, ao professor cabe a tarefa de despertar no educando uma atitude crítica diante da realidade em que se insere, preparando-o para “ler o mundo”.

O papel da escola na formação do jovem nos anos finais de sua Educação Básica é reconhecer nessa etapa um período de transição: preparar seu aluno para a inserção profissional, ao mesmo tempo em que busca consolidar uma educação de formação geral, sob o ponto de vista acadêmico, para que ele possa prosseguir seus estudos de nível superior.

A importância da área de Linguagens, códigos e suas tecnologias nessa formação são inegáveis. É necessário possibilitar aos jovens letramentos múltiplos, o domínio linguístico em sua concepção maior. Segundo as OCEM, “a leitura e a escrita [são] ferramentas de empoderamento e inclusão social” (Brasil, 2006).

A possibilidade de articulação da formação técnica e profissional com o ensino regular leva à reflexão acerca da posição cognitiva e ideológica dos conceitos linguísticos vários. Qual é o papel

da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa nesse contexto de preparação para as empresas-alvo nos cursos profissionalizantes?

Em conformidade com as OCEM, no portal do Ministério da Educação (MEC), o papel da Língua Portuguesa no contexto do Ensino Médio deve envolver uma reflexão sobre o projeto educativo que se pretende nesse nível de ensino.

Considerando-se a LDB/96, que toma o ensino médio como etapa final da educação básica, essa fase de estudo pode ser compreendida como um período de consolidação e aprofundamento de conhecimentos prévios, adquiridos supostamente no ensino fundamental.

Nas aulas de Língua Portuguesa, visa-se, ainda, à construção gradativa de saberes sobre os textos que circulam socialmente, recorrendo a diversos universos textuais. Pode-se dizer, portanto, que as ações realizadas na disciplina de língua Portuguesa deveriam propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta, fundamentais na sala de aula e no trabalho.

Como previsto pelos PCN, a principal meta para o ensino da língua inglesa no nível médio nas escolas brasileira é a comunicação oral e escrita, entendido pelo documento como “uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica ou pessoal” (Brasil, 2000). Essa ênfase se deve ao contexto de um mundo globalizado onde o domínio das línguas materna e estrangeiras traz ao indivíduo a sensação de pertencimento, pois o torna capaz de se comunicar adequadamente e compreender o mundo que o cerca. Na realidade atual, o ensino e a aprendizagem da língua inglesa são vistos como um processo dinâmico, pois é através da língua que o povo transmite sua cultura, suas tradições e seus conhecimentos.

Nos PCNEM, a aprendizagem da língua inglesa é vista como fonte de ampliação dos horizontes culturais, e a linguagem como elo entre todas as áreas de ensino. É importante ressaltar que apesar de recomendar o foco no ensino da leitura, não fecha as portas ao ensino das outras habilidades, desde que o contexto possibilite ou que seja relevante.

Além da competência gramatical, o documento apresenta como propósitos maiores do ensino de línguas estrangeiras no ensino médio que “o estudante precisa possuir um bom domínio da competência sociolinguística, da competência discursiva e da competência estratégica” (Brasil, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações colhidas até aqui, ainda serão acrescidas de outras no decorrer da pesquisa de campo na qual serão aprofundadas as questões envolvendo linguagem, escola e trabalho. O fato é que se almeja comprovar a necessidade de uma maior interação entre trabalho e escola, mais especificamente quanto a exigências linguísticas de um mercado específico, o petrolífero.

Reconhecer a escola como uma espécie de laboratório para essa vivência comunicativa, linguística, tão claramente valorizada pelo meio profissional, faz com que estudemos, de fato, o que ocorre e o que precisa ocorrer nesse espaço de ensino-aprendizagem. Intencionamos, portanto, com tal pesquisa, não apenas identificar e constatar uma realidade, mas propor projetos de aprimoramento cada vez maior para uma mão de obra que precisa ser capacitada segundo esse novo perfil.

Em Piquet e Terra (2011), percebe-se a importância da pesquisa tecnológica e o papel dos centros de pesquisa no contexto da indústria petrolífera. Destacou-se o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (CENPES), pioneiro nessas pesquisas, implantado pela Petrobras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na ilha do Fundão, como sustentáculo na exploração em águas profundas e ultraprofundas na costa brasileira. No entanto, há gargalos a serem vencidos, entre eles a pouca pesquisa tecnológica das empresas nacionais e a baixa qualificação da mão de obra brasileira.

Faz-se necessária a reflexão acerca dos investimentos em recursos humanos nesse setor. Diante das primeiras constatações desta pesquisa, amplia-se a concepção do termo qualificação, que, associado ao termo competência, adquire caráter para além da técnica. Os investimentos internacionais em tecnologia são imprescindíveis, mas, se desvinculados de uma formação básica eficaz, não cumprem integralmente o papel de suprir uma demanda cada vez maior. Grandes centros de pesquisa como o citado anteriormente devem existir paralelamente a grandes escolas, públicas e privadas, que

invistam numa educação plena. Assim, crescimento econômico e desenvolvimento social se aproximariam e contribuiriam para o bem estar individual e coletivo.

Encaminhar soluções para tornar o ensino profissional mais efetivo para os jovens, empresas e sociedade em geral, preparando o jovem para participar de uma sociedade complexa como a atual, que requer aprendizagem autônoma e contínua ao longo da vida, é o desafio que temos pela frente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. *Muito Além da Gramática – Por um ensino sem pedras no caminho*. 3 ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p.39–51.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica*. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/portal-ideb>. Acesso em 08 setembro 2014.
- _____; _____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília – DF: Diário Oficial da União, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 08 setembro 2014.
- _____; _____. Secretaria de Educação Ensino Médio. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: bases legais*. Brasília: MEC/SEB, 2000.
- _____; _____. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- CRUZ, José Luis Vianna. *A retomada do crescimento brasileiro e a reestruturação do espaço regional no Norte do Estado do Rio de Janeiro*. Revista Vértices, Campos dos Goytacazes – RJ, v. 14, nº 1, jul–jun, p. 31–61, 2012.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8. ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática passada a limpo: conceitos: análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 49–51.
- PASTORE, J. *As mudanças no mundo do trabalho: leituras de sociologia do trabalho*. São Paulo: LTR, 2006.
- PETROBRAS. Perfil. Disponível em <http://www.petrobras.com.br>. Acesso em 08 setembro 2014.
- PIQUET, Rosélia. “Indústria do Petróleo e dinâmica regional: reflexões teórico-metodológicas”. In: PIQUET, Rosélia (org.); SERRA R. (org.). *Petróleo e Região no Brasil: o desafio da abundância*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.15–32.
- _____; OLIVEIRA, E. L. “Empresas e empresários do Norte Fluminense: uma análise qualitativa”. In: PIQUET, Rosélia (org.); SERRA R. (org.). *Petróleo e Região no Brasil: o desafio da abundância*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 267–288.
- _____, TERRA, D. “A roda da fortuna: a indústria do petróleo e seus efeitos multiplicadores no Brasil”. In: Piquet, Rosélia (Org.). *Mar de Riqueza, Terra de Contrastes*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011, p. 31–45.